

---

# *BREVE INCURSÃO À FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL*

---

*Cristina Rodrigues<sup>1</sup>*

Para Maurice Merleau-Ponty, filósofo francês, a Fenomenologia “nasceu de uma crise e, sem dúvida, essa ainda é da humanidade”<sup>2</sup>. Já o filósofo alemão Edmund Husserl atrela seu destino ao empenho para solucionar tanto uma crise da filosofia como também “uma crise das ciências do homem, uma crise das ciências, pura e simplesmente, da qual ainda não saímos”<sup>3</sup>. Husserl empreende o caminho entre o empirismo e a filosofia especulativa, que leva em consideração sua concepção de Fenomenologia. Como pensar os dados da experiência segundo a natureza e os detalhes e, ao mesmo tempo, na totalidade?

O pensamento, o *logos*, se nutre da fonte chamada fenômeno. Por sua vez, o *logos* se expõe e só se expõe no fenômeno, que não se constrói de forma alguma. Todavia, o fenômeno é acessível a todos. Da mesma forma, o pensamento racional deve ser acessível a todos. Daí a concepção de Husserl de que “a filosofia poder-se-ia

---

<sup>1</sup> Doutora em Filosofia pela UFRJ.

<sup>2</sup> MERLEAU- PONTY, M. *Les sciences de l'homme et la phénoménologie*. Centre de Documentation Universitaire, Paris : Sorbone, 1964, p. 1 (tradução livre da autora).

<sup>3</sup> HUSSERL, E. *L'idée de la phénoménologie*. Trad. A Louvit, Paris: P.U.F. 1963, p. 15 (tradução livre da autora).

tornar uma ciência rigorosa”.<sup>4</sup> A realização desse projeto pressupõe que o pensamento filosófico pode retornar às origens, tendo como ponto de partida a própria realidade: “Não convém que a impulsão filosófica surja das filosofias, mas das coisas e dos problemas”.<sup>5</sup> A filosofia poderia começar, verdadeiramente, com um assunto que diz respeito a todos, em vez de ser a expressão acabada de uma individualidade genial.

Então, a Fenomenologia, segundo Husserl, implica o fenômeno como *logos* “[...] que não se pode, pois, conceber [...] como uma cortina atrás da qual se abrigaria o mistério das coisas em si”.<sup>6</sup> Sugerir então uma interpretação dos significados implica destacar que o sentido de fenômeno lhe é imanente e pode ser percebido claramente de alguma maneira.

André Dartigues, ao indagar “O que é a Fenomenologia?”, afirma que, tradicionalmente, a essência responde à pergunta. Todo fenômeno possui essência; logo significa que, de fato, não se pode reduzi-lo a sua única dimensão. Ao mesmo tempo, a essência permite identificar um fenômeno porque ela é sempre idêntica a si própria, não importando as circunstâncias contingentes de sua realização.

Cada objeto possui sua essência característica perceptível — as flores, as toras de madeira, a casa — e a essência das qualidades atribuídas a esses objetos — coloridas, queimadas, verdes etc. As essências, independentemente da experiência sensível, constituem a armadura inteligível do ser; são a sua racionalidade imanente, o sentido, *a priori*, do qual participa o Mundo, real ou possível, fora do qual, nada se pode produzir.

---

<sup>4</sup>HUSSERL, E. *La philosophie comme science rigoureuse*. Trad. Q. Lauer. Paris. P.U.F., 1955, p. 77 (tradução livre da autora).

<sup>5</sup> HUSSERL, E. Op. cit., p.16.

<sup>6</sup> HUSSERL, E. *Recherches Logiques*. Trad. H. Elie L. Kelker; R. Scherer. Tome 2. 1<sup>re</sup> Partie. Paris: PUF., 1961, p. 8 (tradução livre da autora).

A tarefa embrionária da Fenomenologia objetiva elucidar o “puro reino das essências”, de acordo com os diversos domínios ou “regiões” que elas permitem pensar, independentemente da própria existência dessas “regiões”: seja da “natureza”, compreendendo os fenômenos reais ou possíveis de que tratam as ciências da natureza; seja do “espírito”, compreendendo os fenômenos e as ciências humanas; seja ainda da “consciência” com todos seus atos sem os quais nenhum acesso será dado às outras “regiões”.

Torna-se possível alcançar, *a priori*, uma compreensão do ser independentemente da experiência efetiva, sem abandonar a intuição, pois entende-se intuição das essências como intuição de possibilidades puras.

Husserl assegura que as ideias residem na consciência porque são como vivências de consciência dadas aos homens. Não se confundindo jamais com os fenômenos de consciência de competência do ramo da Psicologia, as ideias seriam acessíveis somente na consciência?

O *corpus* da Fenomenologia se completa através de vários princípios. O princípio primeiro, o da intencionalidade concebe a consciência como “consciência de alguma coisa”. Ela somente se materializa quando está dirigida a um objeto que, por sua vez, só pode ser definido em sua relação à consciência — objeto para um sujeito. A questão “O que é?” objetiva o sentido do objetivo ou essência, e remete, por sua vez, à questão “O que se quer dizer?”, dirigida à consciência. Tal observação significa que as essências não têm existência alguma fora do ato de consciência que tem como objetivo as próprias essências na forma como o ato de consciência as apreende na intuição. Segundo Dartigues:

*[...] Eis porque a fenomenologia, em vez de ser contemplação de um universo estático de essências eternas, vai se tornar a*

*análise de dinamismo do espírito que dá aos objetos do mundo seu sentido. Desse sentido, pode-se dizer que, ao mesmo tempo, ele depende da liberdade do espírito, que poderia não produzi-lo, e não obstante ultrapassa a contingência dos atos de consciência por sua universalidade e sua necessidade.”*

Dartigues continua com a afirmação de que “os seres matemáticos não têm existência alguma fora das operações do matemático que os conduz, mas que sua existência também se confunde com a dessas operações”.<sup>8</sup> Eles não têm nenhuma existência, nem na consciência, nem fora: sua forma de existência depende do modo sob o qual a consciência visa a esses seres matemáticos, dando-lhes um sentido, no caso, como puras idealidades cuja natureza se constrói pelo espírito, que não pode, ainda assim, construir não importa o quê, já que se deve dobrar às regras universais e necessárias.

Os objetos da percepção sensível não permitem também atingir a verdadeira essência de sua percepção. Husserl propõe: “Nosso olhar, suponhamos, volta-se com um sentimento de prazer para uma macieira em flores num jardim...”.<sup>9</sup> Para o senso comum, essa percepção consiste, inicialmente, em colocar a existência da macieira no jardim; em seguida, relacionar a consciência do sujeito pensante a essa macieira real. Essa relação produzirá então, na consciência, uma macieira representada correspondente à macieira real.

Em consequência, poder-se-ia afirmar que haveria duas consciências: uma no jardim e outra na própria consciência. Porém, surge outra dificuldade: Como poderiam essas duas macieiras compor apenas uma? Dever-se-á, como Platão, imaginar uma terceira macieira que permita a concepção da identidade das outras duas e, assim, ao

---

<sup>7</sup> DARTIGUES. Op. cit., p. 25.

<sup>8</sup> Idem, p. 9.

<sup>9</sup> HUSSERL. E. *Idées directrices pour une phénoménologie*. Trad. Paul Ricoeur. Paris: Gallimard, 1950, p. 306 (tradução livre da autora).

infinito?<sup>10</sup> Não, com esse artifício não se atingirá a essência própria da percepção da macieira. No entanto, não se partirá da macieira em si, da qual não se sabe coisa alguma, nem da pretensa macieira representada, que se desconhece, se se voltar à análise intencional. Partir-se-á das “coisas mesmas”, isto é, da macieira percebida e do ato da percepção da macieira do jardim: vivência original a partir da qual se chega a conceber uma macieira ou uma macieira representada.

O objeto não será jamais objeto em si mas objeto percebido, pensado, representado, memorado, imaginado se ele se configura como objeto para uma consciência. Sob forma que poderá apresentar-se estranha ao senso comum, a análise intencional obrigará, certamente, a conceber a relação entre a consciência e o objeto. Consciência e objeto não são, portanto, duas entidades separadas na natureza. Se a consciência é sempre a “consciência de alguma coisa”, não há possibilidade de abandonar essa correlação porque, fora dela, não haveria consciência nem objeto.

Esse entrelaçamento delimita o objetivo do espaço de análise da Fenomenologia: elucidar a essência da correlação *consciência-objeto*, em que aparece o mundo todo e não somente o objeto. Esse domínio recobrirá toda a esfera dinâmica do “nós”, e Husserl chamará de *noése* a atividade da consciência e de *noéma* o objeto constituído por essa atividade, entendendo-se tratar do mesmo campo de análise em que a consciência aparece como projeção para fora de si própria em direção a seu objeto e o objeto como referência, sempre, dos atos da consciência. Segundo Husserl: “No sujeito há mais que o sujeito, entendamos: mais do que o *cogitatio* ou *noése*: há o objeto mesmo enquanto visado, o *cogitatum* enquanto é puramente para o sujeito, isto é, constituído por sua referência ao fluxo subjetivo da vivência.”<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Idem, p. 307.

<sup>11</sup> HUSSERL, E. Op. cit., p. 30.

O entrelaçamento *sujeito-objeto* só se materializa na intuição originária da vivência da consciência. Para se estudar essa correlação, a necessidade de análise descritiva do campo de consciência levou Husserl a definir a Fenomenologia como a “ciência descritiva das essências da consciência de seus atos”.<sup>12</sup>

A macieira em si e sua miniatura representada não se definem, e segundo Husserl, para melhor representar essa relação, devemos “reduzi-las”. A análise intencional conduz à redução fenomenológica, ou seja, à colocação da realidade tal como percebida pelo senso comum em suspensão: existindo em si, independentemente de todo ato de consciência.

Compreende-se a concepção husserliana do senso comum como uma atitude natural, não somente a do cientista como também a do leigo. Essa concepção consiste em pensar que o sujeito está no mundo em algo que o contém (contêiner) ou uma coisa entre outras coisas, perdido sobre uma terra ou sob um céu, entre objetos e outros seres vivos ou conscientes e, até mesmo, entre ideias que encontrou “já aí” (já existindo), independentes de si próprio. Husserl, em decorrência dessa afirmação, o autor coloca que o sujeito considera a vida psíquica uma realidade do mundo entre outras coisas, e, para ele, a psicologia se relaciona com a consciência de forma similar que a astronomia mantém com as estrelas: cada qual estuda um fragmento da mesma realidade, uma região diferente do mesmo mundo. O sujeito não percebe.

A análise intencional conduz à distinção da correlação mais original entre o sujeito e o objeto do que a dualidade *sujeito-objeto* e sua tradução em *interior-exterior*, uma vez que ocorre a separação entre interior e exterior no próprio interior da correlação. Husserl chamará de atitude *fenomenológica* o acesso a essa dimensão

---

<sup>12</sup> Idem, p. 300.

primordial, possível somente se a consciência realiza uma conversão, isto é, se ela suspende sua crença na realidade do mundo exterior para se colocar, ela mesma, como consciência transcendental, condição de aparição desse mundo e doadora de seu sentido.

O mundo é apenas o que é para a consciência; ele se torna, de pronto, o que aparece à consciência e a ela se entrega na evidência irrecusável de sua vivência. Nas palavras de Husserl “O mundo, na atitude fenomenológica, não é uma existência mas um simples fenômeno”.<sup>13</sup>

O fenômeno chamado mundo, com sentido apenas em sua manifestação da vivência, coincide com a atitude de Descartes, citado por Dartigues. Para Husserl, da mesma forma que para Descartes, o *Cogito, ergo sum* traduz-se como a certeza primeira a partir da qual obtêm-se as outras certezas. A diferença repousa na não-aceitação de Husserl que, após a redução fenomenológica, o mundo se tenha tornado duvidoso como preconiza a teoria cartesiana. Para ele, o mundo permanece igual, conservando seus valores e suas significações antigas. Valores e significações, e entre eles seu sentido de existência, são “fenomenalizados”, ou seja, as questões do seu ser não mais se podem dissociar da questão do sentido que enraíza na vivência da consciência, em que se encontram as raízes de todas as coisas.

## **A Análise das Vivências Intencionais: Tarefa Efetiva da Fenomenologia**

Para Husserl, o objetivo principal da Fenomenologia repousa na análise das vivências intencionais da consciência. A percepção da compreensão de mundo tal como se apresenta aos sentidos somente emergirá a partir da intencionalidade. Suas palavras ecoam essa assertiva: “A tarefa efetiva da Fenomenologia será analisar as vivências

---

<sup>13</sup> HUSSERL, E. *Méditations Cartésiennes*. Trad. Pfeiffer e Lévinas. Paris: Vren, 1953, p. 27 (tradução livre da autora).

intencionais da consciência para se perceber como nela se produz o sentido do fenômeno global que chamamos de mundo.”<sup>14</sup> Ele pensa que é preciso estender o tecido da consciência e do mundo para fazer surgir seus fios extraordinariamente delicados e complexos, tão sutis que se tornam imperceptíveis na atitude natural, que enquadrava a consciência como contida no mundo — realismo ingênuo — a menos que se concebesse o mundo como contido na *consciência-idealismo*.

Pode-se analisar a macieira de acordo com o princípio da intencionalidade, como uma estrutura base de elementos reais, que se podem encontrar por aí, e de elementos irrealis, que não se encontram por aí. O primeiro elemento real será a abertura da consciência para o objeto; no caso, a percepção da árvore, mas que poderia ser de outro modo: imaginação, ideação, lembrança... Segundo a concepção husserliana, essa abertura configura-se como um raio (*strahl*) emergente do lado-sujeito da consciência para se conduzir a seu lado-objeto, com o risco de não-preenchimento, de alcance do vazio, como por exemplo, no caso de inexistência da árvore concebida.

O segundo componente real será a matéria (*hylé*), isto é, a sequência das sensações da composição da forma do objeto; no caso da árvore: parda, verde, rugosa, que se perceberá como pardo do tronco, verde da folhagem, etc. E onde estarão os elementos irrealis? A resposta para essa questão torna-se evidente e clara de acordo com a exposição acima: do lado-objeto da consciência.

A árvore, cujos componentes percebidos estão todos na consciência, não está efetivamente, ela própria, na consciência. A estrutura *noético-noemática* deve ser desvelada na consciência ou no sujeito — e somente aí — fora dos quais não se poderia encontrá-la. Onde está, portanto, o objeto; onde está a árvore? Tais questões se apresentam no momento em que ainda se concebe uma árvore que

---

<sup>14</sup> Ibidem, p. 300.

existiria em si, fora ou dentro da consciência, a título de representação – independentemente da atividade perceptiva da consciência.

A árvore pretendida existe apenas no momento da percepção; a árvore representa apenas a unidade ideal de todos esses momentos sensíveis “*que são o rugoso, o pardo, o verde*”, todos esses “*esboços*” que se modificam à medida que as pessoas se aproximam da árvore ou a circundam, que se encadeiam e convergem na certeza de que há uma árvore aí no jardim.

Segundo Husserl, essa certeza ou “*crença*” não se traduz como uma qualidade da árvore, mas um caráter do *noéma*, da percepção. A realidade, a exterioridade, a existência do objeto percebido e o seu próprio caráter de objeto dependem das estruturas da consciência intencional, graças às quais a própria consciência concebe o objeto como o vê como real, exterior, existente, sem saber que é. Todavia, devido a essas estruturas da consciência intencional, a consciência vê o objeto dessa forma proposta.

Não somente o objeto como também o próprio mundo dependem dessas estruturas da consciência intencional. A partir dessa dependência, Husserl conclui que eles se constituem no mundo da consciência ou na fenomenologia constitutiva. Husserl afirma que constituir não significa ato de criação, no sentido Divino de criação do mundo, mas sim de reconsideração para intuir desde a origem na consciência do sentido de tudo que é – origem absoluta – pois nenhuma outra origem com sentido pode anteceder a origem do sentido. As palavras de Berger colocam o exposto de forma sucinta:

*É preciso aprender a unir conceitos que estamos habituados a opor: a fenomenologia é uma filosofia da intuição criadora. A visão intelectual cria, realmente, seu objeto, não o simulacro, a cópia, a imagem, do objeto, mas o próprio objeto. É a evidência, essa forma acabada da intencionalidade, que é constituidora.<sup>15</sup>*

---

<sup>15</sup> BERGER, G. *Le Cogito dans la philosophie*. Paris: Aubier, 1941, p.100 (tradução livre da autora).

Amplia-se o alcance da Fenomenologia, que passa a ser, conforme Fink, citado por Dartigues, “uma interrogação sobre a origem do mundo, um projeto visando tornar o mundo compreensível a partir dos fundamentos últimos de seu ser, em todas as suas determinações reais e irrealis.”<sup>16</sup>

Por ser constante a referência à intuição, a Fenomenologia abrange exatamente os elementos que as metafísicas tradicionais compreendem, mas sem recorrência ao abandono do terreno da experiência.

Assim, se a redução fenomenológica faz aparecer o mundo como fenômeno e se a gênese de seu sentido torna-se perceptível na vivência da consciência, nem tudo está esclarecido acerca do sentido dessa vivência, no sentido das estruturas nas quais se constitui o sentido do mundo.

## **A Vivência da Consciência**

A redução fenomenológica fez surgir como resíduo o que não se pode reduzir, a vivência da consciência: vivência vivida por um sujeito, ao qual os objetos do mundo se referem e também de quem as significações afloram. Voltando-se para o lado-sujeito ou noético, a análise da consciência torna-se, dessa forma, a análise da vida do sujeito no qual e para o qual se constitui como tal. Segundo Leibniz, pode ser considerado como uma “*mônada*”, uma totalidade fechada sobre si mesma e da qual não se poderia sair. A Fenomenologia torna-se, assim “*exegese de si própria*”, ciência do *Eu* ou Egologia.

Esse *Eu*, de acordo com Husserl, não pode ser o *Eu psíquico* ou *mundano* que é, efetivamente uma região ou uma parte do mundo com suas vivências concretas particulares. Ele é, na verdade, a essência, geral do *Eu* sujeito ou *Eu* transcendental. Não obstante,

---

<sup>16</sup> DARTIGUES, A. Op. Cit., p.30.

de acordo com o pensamento do filósofo Ludwig Landgrebe, se esse sujeito transcendental é a essência do *Eu* concreto, ele só poderá ser acessível no *Eu* concreto. A transcrição abaixo corrobora essa reflexão:

*Na reflexão fenomenológica, eu me distingo, na medida em que já me compreendi sempre como tal ou qual homem, do Eu enquanto Ego cujos atos de consciência são a fonte e o fundamento da possibilidade de tal compreensão de si: eu me distingo do meu Eu transcendental.<sup>17</sup>*

Husserl, porém, assume outra posição, que pode tornar a Fenomenologia o estímulo das novas filosofias da existência. Nesse caso, o terreno absoluto, a matéria de reflexão para a qual se deve fixar o olhar não será mais o sujeito, mas o próprio mundo, tal como a consciência o experencia antes de qualquer elaboração conceitual.

## BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.
- BERGER, G. Le cogito dans la philosophie de Husserl. Paris: Aubier, 1941.
- DARTIGUES, A. O que é fenomenologia? Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- FERREIRA, A.B.H. Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 5 ed. São Paulo: Positivo, 2010.
- HUSSERL, E. L'ideé de la phénoménologie. Trad. de A. Louvit. Paris: P.U.F., 1963.
- \_\_\_\_\_. La Philosophie comme science rigoureuse. trad. Q. Lauver Paris: P.V.F., 1955.
- \_\_\_\_\_. Recherches Logiques. Tome 2, 1<sup>o</sup> partie, Trad. H. Elie, L. Kelker e R. Scherer. Paris: P.V.F., 1961
- \_\_\_\_\_. Méditations Cartésiennes. Trad. Pfiffer e Lévinas. Paris: Vren, 1953.
- LANDGREBE, L. Husserl, Heidegger, Sartre: trois aspects de la Phénoménologie. In: Revue de Métaphysique et de morale, n. 4, p. 375. Paris, 1964.
- MERLEAU-PONTY, M. Les sciences de l'homme et de la phénoménologie. Centre de Documentation Universitaire. Paris: Sorbonne, 1964.
- RODRIGUES, C. Frans Krajcberg: O Intérprete da Natureza. Rio de Janeiro: Maanaim, 2002.

---

<sup>17</sup> LANDGREBE, L. *Husserl, Heidegger, Sartre: trois aspects de la phénoménologie*. In *Revue de métaphysique et de morale*. 1964 n. 4, p. 375.

